

## O CURIOSO CASO DE BENJAMIN BUTTON: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE O CONTO, A NARRATIVA GRÁFICA E O FILME

Raphael Marco Oliveira Carneiro (UFU)  
raphael.olic@gmail.com

**Resumo:** O conto *O Curioso Caso de Benjamin Button*, escrito por Francis Scott Fitzgerald, foi publicado em 1922. Durante muito tempo este conto, bem como outros contos de Fitzgerald, foram vistos como algo marginal quando comparados à carreira dele como romancista. Porém, um interesse renovado surgiu nos anos 70 a fim de compreendê-los, sendo parte relevante da história da literatura moderna norte-americana. Assim, a adaptação de Benjamin Button para o cinema em 2008, com roteiro de Eric Roth e direção de David Fincher, fez com que editores buscassem formas de trazer a história de Fitzgerald a uma nova geração de leitores. Desse modo, entre as várias edições em brochura publicadas, o conto também foi adaptado como uma narrativa gráfica. Em vista disso, o objetivo deste estudo é comparar a obra *O Curioso Caso de Benjamin Button* em três meios semióticos diferentes: o conto, a narrativa gráfica e o filme. Para esta comunicação, apresentaremos a comparação da arte de capa da narrativa gráfica com a capa do DVD do filme. Para embasar essa análise partimos dos estudos de Clüver (2006) e Moser (2006) sobre Intermidialidade. Além disso, utilizamos os fundamentos teóricos de Hoek (2006) sobre os tipos de relações intersemióticas, a fim de identificar as relações entre texto e imagem. Utilizamos também Chevalier et al (2009) para auxiliar na identificação e interpretação de símbolos presentes nas imagens. Em linhas gerais, percebemos diferenças significativas no modo que a história está representada nas capas, o que certamente influencia a percepção e interpretação da mesma.

**Palavras-chave:** *O Curioso Caso de Benjamin Button*; F. S. Fitzgerald; texto e imagem; cinema; narrativa gráfica.

Francis Scott Fitzgerald, expoente da *Geração Perdida*<sup>1</sup>, é considerado um dos maiores escritores norte-americanos do século XX. Nasceu em St. Paul, Minnesota, em 24 de setembro de 1896 e publicou o seu primeiro romance *Este Lado do Paraíso* em 1920. Seguiram-se então mais quatro romances: *Belos e Condenados* (1922), *O Grande Gatsby* (1925), *Suave é a Noite* (1934) e *O Último Magnata* (1941), o qual foi publicado postumamente. Entre todos esses romances, o mais célebre é *O Grande Gatsby*, o qual

---

<sup>1</sup> Expressão cunhada por Gertrude Stein (1874-1946) para se referir a um grupo de escritores norte-americanos – F. S. Fitzgerald, Ernest Hemingway, John dos Passos entre outros – que autoexilaram-se durante os anos de 1920 em Paris e lá começaram a construir uma reputação. Hemingway dizia que eram *perdidos* porque os valores herdados já não eram mais relevantes no pós-guerra e num país como os Estados Unidos, o qual considerava corroído pelo provincianismo, materialismo, bem como desprovido de emoções autênticas (AGUIAR, 2010, p.8)

foi adaptado para o cinema em 1974 por Francis Ford Coppola e dirigido por Jack Clayton e ainda mais recente (2013) uma nova adaptação foi feita por Baz Lurhmann.

Além dos romances citados acima, Fitzgerald também escreveu contos. Juntamente com a publicação de seu primeiro romance, uma coleção de histórias, *Flappers and Philosophers*, também foi publicada pela editora *Scribner*. Dentre os contos de Fitzgerald, *O Curioso Caso de Benjamin Button*, publicado em 1922 na *Collier's* foi posteriormente, incluído em sua segunda coletânea de contos intitulada *Seis Contos da Era do Jazz*. A obra de Fitzgerald é o maior exemplo do que se conhece como a Era do Jazz, a qual ele mesmo definia como ‘ uma geração que cresceu para encontrar todos os deuses mortos, todas as guerras travadas, toda a confiança no homem abalada<sup>2</sup>’.

Houve um tempo em que Fitzgerald começou a escrever fantasia satírica. Lawrence Duell comentou que “Fitzgerald se percebia mais como um escritor não-realista e possuía um genuíno entusiasmo pelas possibilidades artísticas e comerciais do gênero fantástico” (SHEEHY, 2008, p. 122). Apesar disso, a carreira de Fitzgerald como autor fantástico foi curta. Tanto os seus contos de ficção em geral, quanto suas histórias fantásticas receberam pouca atenção até sua morte em 1940, sendo vistos como algo marginal quando comparados à carreira dele como romancista. Porém, um interesse renovado surgiu nos anos 70 a fim de compreendê-los como parte relevante da história da literatura moderna norte-americana.

Assim, a adaptação de “Benjamin Button” para o cinema em 2008, com roteiro de Eric Roth (*Forrest Gump*) e direção de David Fincher (*A Rede Social*), fez com que editores buscassem formas de trazer a história de Fitzgerald a uma nova geração de leitores. Desse modo, entre as várias edições em brochura publicadas, o conto também foi adaptado como uma narrativa gráfica.

Essa versão em quadrinhos, publicada em inglês pela *Quirkbooks* e em português pela editora Ediouro, foi adaptada por Nunzio DeFilippis e Christina Weir e ilustrada por Kevin Cornell. A adaptação, segundo a proposta da editora *Quirkbooks*, deveria ser o mais fiel possível ao conto. Além disso, a arte final deveria ser em aquarela. Mas a partir de um acordo com o ilustrador, decidiu-se que a arte teria um estilo híbrido, feito com aquarela e grafite.

---

<sup>2</sup> “[...] a generation grown up to find all Gods dead, all wars fought, all faiths in man shaken” (2008).

A partir das considerações acima esta pesquisa tem como objetivo geral comparar a obra *O Curioso Caso de Benjamin Button* de Francis Scott Fitzgerald em três meios semióticos distintos: o conto, a narrativa gráfica e o filme. Tendo o objetivo geral em vista, podemos estabelecer os seguintes objetivos específicos:

- I. Analisar como o conto foi adaptado para a narrativa gráfica em termos de ilustrações, técnicas e recursos gráficos, e as influências que estes exercem na recepção da narrativa;
- II. Analisar como o conto foi adaptado para o cinema em termos de temas, técnicas e recursos audiovisuais, e as influências que estes exercem na recepção do filme;
- III. Fomentar o interesse pela obra de F. S. Fitzgerald.

Uma vez que estamos comparando três obras em meios semióticos distintos cabe esclarecer que “A noção de intermedialidade designa o cruzamento de mídias dentro da produção cultural contemporânea” (Centre de recherche sur l’intermédialité apud MOSER, 2006, p. 43). Isto é, partimos do pressuposto de que as artes são interpretadas a partir de um diálogo com outras artes que frequentemente se concretizam em suportes midiáticos distintos.

No caso da Literatura e do Cinema ocorre o processo que se chama de adaptação. “‘Adaptação’ é o termo usado para [...] conversões de novelas em peças teatrais, peças em óperas, contos de fada em balés, e contos em filmes ou “especiais” de televisão” (CLÜVER, 1997, p. 45).

Apesar de que durante algum tempo considerava-se que uma adaptação deveria ser o mais fiel possível à obra, com o passar do tempo essa concepção se modificou e a adaptação passou a ser vista como uma “[...] ‘reelaboração livre’, transformação, desvio deliberado da fonte a fim de produzir algo novo” (CLÜVER, 1997, p. 45).

Uma vez que estamos lidando com obras constituídas por sistemas sígnicos diferentes trabalhamos também com a noção de transposição intersemiótica, ou seja, a interpretação de signos verbais por meio de sistemas sígnicos não-verbais.

Além disso, adotamos a perspectiva da recepção para a análise das obras segundo Hoek (2006). A partir dessa perspectiva analisamos como ocorre a recepção da relação entre texto e imagem podendo ser as seguintes: apresentação simultânea do texto e da imagem, podendo o texto estar situado em uma imagem, a imagem situada em um texto ou a imagem próxima a um texto.

Consideramos, portanto as relações intersemióticas estabelecidas por Hoek (2006) como mostra o quadro seguinte:

Texto/imagem:	relação transmedial	discurso multimedial	discurso misto	discurso sincrético
separabilidade:	+	+	+	-
autosuficiência:	+	+	-	-
politextualidade:	+	-	-	-
imbricação:	transposição	justaposição	combinação	fusão
esquema:	imagem- texto texto - imagem	imagem/texto	imagem texto	imagem
exemplos:	ekphrasis, crítica de arte, romance-foto	emblema, ilustração, título	cartazes, quadrinhos, publicidade	tipografia, caligrama, poesia visual

Quadro 1: Tipos de relações intersemióticas segundo Hoek (2006)

Segundo Clüver (2006), os elementos paratextuais influenciam a construção textual por parte do leitor. “Entre esses paratextos se encontram também textos não-verbais, como por exemplo, imagens de capa e ilustrações” (CLÜVER, 2006, p. 14). Devido a essa influência exercida pelas capas na interpretação dos textos, apresentaremos a seguir algumas considerações feitas a partir da análise da comparação entre as capas da narrativa gráfica e do DVD do filme como mostra a figura 1.



Figura 1: Capa da narrativa gráfica e do DVD de *O curioso caso de Benjamin Button*

Um olhar inocente para as capas tanto da narrativa gráfica quanto do DVD, poderia não revelar os detalhes e os significados que estão representados nelas. Partimos

de uma análise das capas por entender que, de um modo geral, elas constituem o primeiro contato que o leitor e o espectador terão com a história. Desse modo, partimos da premissa de que as capas têm como objetivo estético representar a narrativa de forma concisa e que a escolha dos elementos para a composição da capa não é aleatória. Sendo assim, podemos encontrar indícios importantes para compreender a recepção das capas pelo leitor.

De acordo com os tipos de relações intersemióticas propostas por Hoek (2006) e apresentadas anteriormente, as capas poderiam ser classificadas de acordo com o discurso multimedial, uma vez que se trata da justaposição de textos auto-suficientes (a coerência individual de um e de outro permanece intacta) compostos num sistema sígnico diferente. Isto é, as capas são compostas por elementos verbais e não-verbais. Nesse sentido, apesar de tanto o texto quanto a imagem serem apresentados simultaneamente, o título pode ser e é usado e compreendido sem a necessidade de estar justaposto à imagem das capas.

Enquanto elementos verbais temos o título *O Curioso Caso de Benjamin Button* em ambas as capas. Na narrativa gráfica temos também o nome do autor, dos adaptadores e do ilustrador. Na capa do DVD, temos além do título, os nomes dos atores principais e a informação dos prêmios OSCAR ganhados pelo filme.

Tanto a capa da narrativa gráfica quanto a do filme representam a personagem principal: Benjamin Button. A representação do mesmo, porém é bem diferente. Na narrativa gráfica, cuja técnica utilizada foi aquarela, vemos o desenho de Benjamin no berçário entre outros bebês. É uma imagem muito intrigante e inusitada, uma vez que não se espera encontrar um senhor septuagenário em um berçário. O mais esperado, no mínimo, seria encontrá-lo em uma ala de um hospital para pessoas enfermas. Benjamin também está segurando um chocalho, o que faz da imagem ainda mais curiosa e até mesmo cômica. No DVD, temos duas imagens de Benjamin. Na primeira, localizada na parte superior, acima do título, vemos apenas metade do rosto de Benjamin que está mais jovem do que na foto inferior. Podemos perceber a ideia do romance pela fotografia dos rostos das personagens pela metade, o que sugere que a incompletude de cada um se desfaz pelo amor de ambos.

Abaixo do título, vemos a fotografia de uma cena em que Daisy ainda criança convida Benjamin para debaixo de uma cabana feita com lençol e iluminada por uma vela para lhe contar um segredo. Vemos que Daisy expressa um gesto de carinho e de curiosidade em relação a Benjamin ao (quase) tocar o rosto dele.

Na foto inferior Benjamin está mais velho, e na foto superior mais jovem, enquanto Daisy está mais jovem na foto inferior e mais velha na superior. Percebe-se aqui o descompasso de idade entre os dois personagens que irá determinar os conflitos do relacionamento entre eles.

Percebe-se que para a fotografia superior, optou-se pelo *close-up* dos rostos de Benjamin e Daisy em um ângulo frontal. Na composição da imagem, os rostos dos dois personagens estão separados por um espaço negro que pode ser interpretado como o abismo temporal que os separa. Cada um está indo em uma direção diferente. Enquanto Daisy segue o curso da vida rumo à velhice, Benjamin segue rumo à juventude, mas ambos seguem em direção à morte. Outro aspecto que distancia as personagens é o de que ambos estão olhando para frente. Geralmente, em filmes de romance (Titanic e Austrália, por exemplo) os casais estão se abraçando ou demonstrando afeto e amor um pelo outro, o que não ocorre em “Benjamin Button”. Além disso, ao ter escolhido a foto em que Daisy quase toca Benjamin, podemos interpretar que apesar da história de amor que ambos vivem, eles jamais se tocarão de fato. É como se as vidas deles seguissem o contorno de uma ampulheta. Contornos que começam distantes, aproximam-se e quase se tocam, para em seguida se distanciarem novamente. Isto é, a relação deles será eternamente conflituosa, envolvida pelos efeitos contrários do tempo que paira como uma sombra na vida deles.

Percebemos também a presença de símbolos nas capas. Na narrativa gráfica, o título está esculpido em uma pedra similar ao mármore. Também esculpido nesta pedra temos a semente do carvalho, uma árvore reconhecida pela força de sua madeira. Enquanto semente, podemos interpretar como um símbolo de força e potencial. Ela também faz parte da simbologia Nórdica e Celta, simbolizando vida, fertilidade e imortalidade. Também podemos observar uma ampulheta no topo. Segundo Chevalier et al. (2009) a ampulheta representa a queda eterna do tempo, a possibilidade de inversão do tempo, a volta às origens, a sucessão entre o vazio e o pleno. O interessante da ampulheta é que, na parte superior, ao invés da areia estar para baixo ela está fixada no topo da ampulheta. Vemos também que um grão está subindo, desafiando a gravidade. Ou seja, percebemos o conceito de tempo ao contrário, da transgressão do tempo. A mesma ideia do tempo ao contrário é mantida na capa do DVD de forma muito sutil e quase imperceptível se olhada rapidamente. Atrás do título podemos ver em um tom bem claro a palavra “vida” escrita como se tivesse diante de um espelho. Do lado da personagem Daisy a palavra se encontra normalmente, mas do lado de Benjamin

ela está de trás para frente. Além disso, entre Daisy e Benjamin vemos uma vela que ilumina a imagem. A vela também pode ser interpretada como um símbolo para o tempo, só que na sua direção usual e intimamente relacionado ao tempo temos a ideia de morte.

Em vista do que foi analisado, percebemos que há uma diferença no foco das capas da narrativa gráfica e do DVD do filme. A análise das capas pôde revelar que o filme apresenta uma visão mais romântica. A narrativa gráfica, por sua vez, foca mais no inusitado e no que há de curioso em relação a Benjamin. Assim, apesar das equivalências, percebemos diferenças significativas no modo que a história está representada nas capas, o que certamente influencia a percepção e interpretação da mesma.

### Referências Bibliográficas

AGUIAR, L. A. Apresentação: A História de Santiago. In: HEMINGWAY, E. *O velho e o mar*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

CHEVALIER, J. et al. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2009.

CLÜVER, C. Inter textus/inter artes/ inter media. Belo Horizonte. *Aletria*, v. 14, n. 1, 2006.

CLÜVER, C. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. São Paulo. *Literatura e Sociedade*, n. 2, 1997.

FITZGERALD, F. S. *The curious case of Benjamin Button and six other stories*. England: Penguin Books, 2008.

FITZGERALD, F. S. *O curioso caso de Benjamin Button*. Adapt. Nunzio DeFilipis e Christina Weir. Trad. Enzo Fiúza. São Paulo: Ediouro, 2009.

HOEK, L. H. A transposição intersemiótica: por uma classificação pragmática. In: ARBEX, M. *Poéticas do visível*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

MOSER, W. As relações entre as artes: por uma arqueologia da intermedialidade. Belo Horizonte. *Aletria*, v. 14, n. 1, 2006.

O CURIOSO CASO DE BENJAMIN BUTTON. Direção: David Fincher. Estados Unidos: Paramount, 2008. 1 DVD (165 min.), som, color.

SHEEHY, D. G. Posfácil: uma história intrigante – o curioso caso de Benjamin Button. In: FITZGERALD, F. S. *O curioso caso de Benjamin Button*. Adapt. Nunzio DeFilipis e Christina Weir. Trad. Enzo Fiúza. São Paulo: Ediouro, 2009.

THE CURIOUS CASE OF BENJAMIN BUTTON. Disponível em:  
<[http://www.imdb.com/title/tt0421715/?ref\\_=sr\\_1](http://www.imdb.com/title/tt0421715/?ref_=sr_1)>. Acesso em: 06 mar. 2013.

THE CURIOUS JOB OF KEVIN CORNELL - A classic Bearskinrug Article.  
Disponível em:< [http://www.v5.bearskinrug.co.uk/\\_articles/2008/08/13/curious\\_job/](http://www.v5.bearskinrug.co.uk/_articles/2008/08/13/curious_job/)>  
Acesso em: 03 mar. 2013